

AVALIAÇÃO ABERTA: QUANDO, POR QUE E PARA QUEM?

OPEN REVIEW: WHEN, WHY AND FOR WHOM?

Joana Coeli Ribeiro Garcia^a

Fernanda Mirelle de Almeida Silva^b

Kleisson Lainnon Nascimento da Silva^c

RESUMO

Objetivo: A pesquisa visa contribuir com a adoção do *open review* minimizando obstáculos ideológicos sobre dinâmicas que permeiam o processo, em resposta às questões que originam e conduzem esta comunicação. **Metodologia:** Para atender ao objetivo busca-se na literatura e nas métricas da produção científica recuperadas na *Web of Science* (WoS) ênfase em autoria, abordagens, data de publicação e área do conhecimento utilizadas para balizar aspectos distintos da temática. **Resultados:** São 130 artigos, publicados de 1993- 2020, oriundos de diversas áreas do conhecimento em que a Ciência da Informação e a Medicina, com suas especialidades, apresentam a maior parte dos artigos. **Conclusões:** Após análise dos questionamentos que originam o estudo faz-se algumas provocações sobre os rumos que a temática trilhará na ciência aberta e sobre os desafios para quem atua com *open review*.

Descritores: Avaliação aberta. Revisão aberta. Comunicação científica. Ciência aberta.

1 INTRODUÇÃO

No contexto *open science* (ciência aberta) os processos de construção e prática do conhecimento são compartilhados em livre acesso e de forma colaborativa entre os pesquisadores para benefício e evolução da ciência. Antecede esse movimento exigências por interdependência de três elementos basilares: (1) ciberinfraestrutura, isto é, arquitetura tecnológica de práxis da e-

^a Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Docente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil. E-mail: nacoeli@gmail.com.

^b Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil. E-mail: fmirelle.ufpb@gmail.com.

^c Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil. E-mail: kleissons@gmail.com.

science, possibilitando a gestão computacional do volume de dados científicos; (2) definição de políticas, estratégias e metodologias que estimulem e permitam acesso amplo à ciência; (3) convocação e participação de estudiosos, da sociedade civil e do apoio estatal tendo em vista a produção, análise e compartilhamento de novos conhecimentos (TARGINO; GARCIA; SILVA, 2020).

A arquitetura eletrônica, as políticas e a participação da sociedade integradas - os óbices vencidos e ultrapassados - conduzem ao conhecimento disponível e ao alcance do estágio da ciência aberta. Meadows (1999) afirma que uma produção só está conclusa quando seus resultados são disponibilizados e ou socializados. Ao publicá-lo o pesquisador estabelece diálogo entre ciência e sociedade, contribui com o avanço da área, divulga o estudo realizado e prestigia a autoria no campo científico, permitindo que o ciclo do conhecimento disponibilize nova avaliação, inovação e adequação, em permanente continuidade. É a prestação de contas à sociedade dos investimentos utilizados pelo autor, entendida como responsabilidade social, em que a publicação corresponde aos resultados dos recursos que financiam a educação e, por via de consequência, a pesquisa.

Diversos ordenamentos são necessários para realizar um estudo científico, incluindo produção, comunicação e avaliação. Dentre os processos que envolvem a construção do conhecimento científico a avaliação realizada por pares, *ou peer review* apresenta-se com possibilidades variadas, métodos ortodoxos ou heterodoxos, críticas sobre a avaliação cega, *single, double blind*, indecisões sobre divulgar, sobre quem realiza, permissão para publicar os nomes dos responsáveis por determinada avaliação, isto é, qualquer sistema sofre julgamentos favoráveis ou não. Entretanto, há também um momento em que o pesquisador, por vezes avaliador ou avaliado, escolhe mudar ao compreender que inexistente erro e / ou argumentos díspares noutro sistema. A avaliação aberta oferece possibilidades de o *referee* aceitar ter seu nome divulgado junto a produção avaliada e com quem argumentar sobre sua análise.

Constituem o fórum de acesso aberto questões de toda ordem, tais como: o tema e produção de pesquisa, mediação, avaliação; eficiência, confiabilidade e transparência da inspeção, inovação, escolha de veículo para publicação,

disponibilização, disseminação nas áreas de estudo e aplicações científicas objetivando identificar e dar a conhecer desafios, perspectivas e práticas na cultura da avaliação aberta.

Spinak (2018) cita a *open peer review* (revisão aberta por pares ou OPR) como uma das pedras fundamentais na agenda da ciência aberta com possibilidade de reações e atitudes diversificadas entre editores, autores, pareceristas e *publishers*. Considera ainda que cada um se habitua a repetir o procedimento que desenvolve por receio de mudança. Admitir novas possibilidades envolve a ciência aberta, origina etapas, arraiga culturas, podendo multiplicar-se em questões sugeridas pelo título adotado nesta comunicação, *open review*: quando, por que e para quem?

Investigação concluída apresentada e publicada no XVIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), principal evento da área no Brasil, sob a responsabilidade da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), Garcia e Targino (2017) analisam a aquiescência da avaliação aberta pelos **editores** da área da CI brasileira como iniciativa pioneira. *A priori*, dos 37 editores cujos títulos de periódicos variaram de A1 a B5 consoante à avaliação quadrienal (2013/ 2016) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a amostra de 40,54%. Dentre estes, ressalta-se a constatação de que 67% aceitariam adotar a revisão aberta, enquanto 60% acreditam que ela pode atuar como elemento determinante em prol da qualidade das revistas da área. Procedimentos metodológicos similares foram adotados em 2018 a fim de analisar a perspectiva de 709 avaliadores dos 37 títulos anteriormente sumarizados dos quais 189, ou seja 26,6%, compuseram a amostra, evidenciando a curiosidade intelectual em torno da temática e, por conseguinte, interesse em inovar os processos avaliativos inerentes à produção científica.

Em 2019 o periódico **ciência da informação em aberto (ciab)**, criado pelo PPGCI/UFPB, convida autores, explicitando a adoção da avaliação aberta, como forma de estimular a prática no campo da pesquisa. Convites aceitos, mas passado algum tempo alguns justificaram impedimentos de tempo para dedicar ao artigo e outros olvidaram-nos. Decorridos três anos foram recebidos alguns

artigos, mas insuficientes para formar um número, e o periódico encontra-se em incubadora, pelo entendimento de que nenhum sistema de avaliação supre todas as expectativas dos que se dedicam a produzir conhecimento, talvez por ser campo permeado por relações de vaidades e conflitos.

A necessidade de ampliar o conhecimento justifica o estudo sobre o processo aberto. Portanto, objetiva-se contribuir para a adoção do OPR minimizando obstáculos ideológicos sobre dinâmicas que o permeiam, na perspectiva de respostas às questões que conduzem esta comunicação. Especificando: a) Explorar a produção sobre OPR pelas métricas da *Web of Science* (WoS) focalizando as evidências dos artigos indexados, tais como: autorias, aspectos discutidos, datas das publicações e áreas do conhecimento; b) Correlacionar evidências identificadas na literatura direcionadas a: quando? por quê? para quem? c) Analisar aspectos e tendências *open peer review* a partir dos resultados.

As práticas que envolvem a *open science* em termos internacionais oferecem possibilidades de encontrar respostas para se conhecer estudos pertinentes à OPR no espaço almejado por esta investigação e responder as indagações que o motivam. Espera-se que as discussões aumentem a quantidade de **pesquisadores / autores** e **avaliadores** a adotar a *open peer review* convencidos pelos estudos. Sua fundamentação e construção, com abordagem qualitativa, respalda respostas aos questionamentos propostos mediante a realização de levantamento bibliográfico e revisão integrativa. Os métodos deliberados, consistem em evidenciar as discussões teóricas, proporcionando perspectiva geral, congruências e controvérsias sobre este sistema de avaliação ao tempo em que corroboram para profícua adoção do processo avaliativo pelos pesquisadores.

2 QUANDO A OPEN PEER REVIEW?

Em pesquisa realizada na WoS com registro até dezembro 2020, são coletados 130 artigos que englobam período iniciado em 1993. O primeiro artigo, da área da psicologia, aborda os custos e benefícios do anonimato dos revisores no processo de avaliação (BORNSTEIN, 1993). Dentre as ocorrências

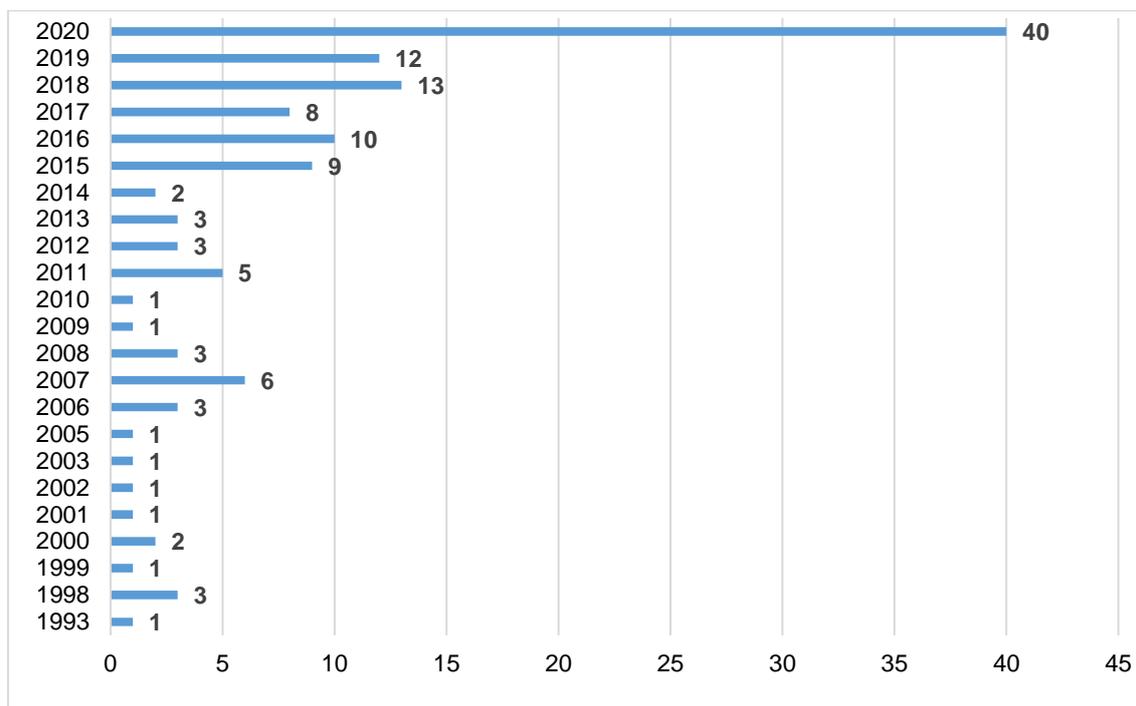
identificam-se estudos na área da saúde que avaliam a prática médica através da revisão aberta por Kohler, Goeckenjan e Runz (1998) em pesquisa que avalia em aberto uma prática médica, visando maior qualidade no procedimento de diagnóstico respiratório. Os revisores foram selecionados aleatoriamente e conhecidos por seus nomes permitindo discussões entre revisor e revisor antes do parecer estar finalizado. Constata-se que a prática descrita, com estrutura de *open review*, possibilita creditar à medicina exemplos de avaliação igualmente indicados pela comunicação científica.

A base de dados evidencia o uso do termo *open review* na literatura em 1993, no entanto, Emily Ford (2013) anuncia que Michael McGiffert, em 1988, cinco anos antes, inicia as discussões na literatura em *Is justice blind? an inquiry into peer review*, título que alude a um símbolo do direito e da advocacia, questionando se a revisão dupla cega é justa e quando transformar-se-ia em um sistema aberto.

O sistema de avaliação inicia-se aberto e se torna fechado quando da entrega do *Philosophical Transactions* para publicação. Oldenburg recomenda ao editor convidar avaliadores desconhecidos do Royal Society tendo em vista que os autores, certamente, conheciam as ideias e pensamentos dos demais membros entre si. Assim, o que era *open* tornou-se *blind* e o surgimento de questões sobre formato aberto de avaliação, defendido em artigo científico, assinala o ano de 1988 hoje originário da OPR. Tal artigo não está contabilizado na WoS em virtude de a base relacionar artigos em que constem no título, no resumo e / ou nas palavras chaves os termos *open peer review* ou *open review*, explicando a ausência do termo no artigo de McGiffert (1988).

A avaliação aberta por pares destaca-se ao longo dos anos como fio condutor, reforçando a *práxis* de discussões abertas intensificadas pelos domínios e pilares da Ciência Aberta e, razões explicitadas anteriormente, justificam o WoS registrar somente a partir de 1993. No **Gráfico 1** está registrado desta forma, indicando produção iniciada em 1993 com algumas exclusões anuais, de 1994 a 1997, pequenas elevações até 2015, quando há significativo aumento que se segue até 2019, e praticamente uma explosão em 2020 com 40 artigos, atingindo quase um terço da produção do período.

Gráfico 1 – Artigos sobre *open peer review* registrados na *Web of Science* 1993-2020



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Na Ciência da Informação, em pesquisa realizada por Silva, Garcia e Araújo (2019, p. 14) destacam que a *open science* inicia-se em 1993, quando “[...] a indústria de biotecnologia e sua relação próxima com a comunidade acadêmica, ao mesmo tempo possibilita reflexões sobre descobertas científicas no âmbito da ciência aberta e como estas se enquadram enquanto segredos proprietários”. Portanto, deve-se à *open science* o registro sistematizado na base de dados mundial.

Dentre os artigos publicados na WoS, um deles explora a probabilidade de revisores de artigos solicitarem esclarecimentos aos autores sobre as práticas de pesquisa. Os participantes, divididos em duas possibilidades, foram instruídos no Estudo 1 a imaginar a revisão de um manuscrito como coautor ou revisor por pares e avaliar quando eles solicitassem esclarecimento ao autor. Neste caso, os participantes relataram maior probabilidade de solicitar esclarecimentos quando coautor. Aos participantes do Estudo 2 atribuiu-se a condição de revisor anônimo ou de forma aberta e até que ponto eles buscaram esclarecimentos do autor. Os homens (mas não mulheres) na condição de revisão aberta relataram

maior probabilidade de buscar esclarecimento do que os homens na condição de revisão cega. Os resultados fornecem evidências provisórias de que fatores motivacionais influenciam a revisão por pares (SACCO *et al.*, 2020).

Tennant e Ross-Hellauer (2020) atribuem responsabilidade às lacunas teóricas e / ou conceituais oriundas de experiências conflitantes, estudos inconclusivos e interpretações tendenciosas em torno da avaliação por pares. Os citados autores, diante dos argumentos afirmam que há polarização de opiniões dos *referees*, quando de um lado há apreciadores que se manifestam favoráveis à hipótese de que as críticas estimulam a legitimidade da produção científica e, em contrapartida, incita os opositores conclamando por sua extinção.

Entretanto, o ano de 2020 é alentador para a OPR, porquanto a WoS registra 40 artigos em que os termos tanto aparecem no título quanto no resumo e / ou nas palavras-chave, constituindo 32,5% desde que teve início a temática. A previsão é que ainda há muito a ser feito para se adequar aos tempos de ciência aberta com avaliação em formato igualmente aberto, tendo em vista que os questionamentos também se ampliam produzindo novas pesquisas sobre a temática.

A revisão aberta por pares, onde os relatórios de revisão e as identidades dos revisores são publicados ao lado dos artigos, representa um aspecto da ciência aberta cuja adoção cresce desde a virada do século e os dados da WoS são comprovadores desta afirmação. Os autores Wolfram *et al.* (2020) afirmam que as bases de dados bibliográficas deixaram de indexar periódicos OPR tendo em vista que tais fontes não informaram suas políticas sobre identidades abertas e relatórios abertos. Os autores analisaram 617 periódicos que publicaram ao menos um artigo com identidades abertas ou relatórios abertos em 2019 e analisaram suas implementações para derivar práticas OPR emergentes. Os resultados sugerem que: (1) houve crescimento constante na adoção de OPR desde 2001, quando 38 periódicos adotaram inicialmente a OPR, com crescimento mais rápido desde 2017; (2) adoção de OPR é mais prevalente nas disciplinas médicas e científicas (79,9%); (3) cinco editoras são responsáveis por 81% dos periódicos OPR identificados; e (4) os primeiros editores implementaram a OPR de maneiras diferentes resultando em diferentes

níveis de transparência.

Entre as variações nas implementações OPR dois fatores importantes definem o grau de transparência: identidades abertas e relatórios abertos. As identidades abertas podem incluir nomes de revisores e afiliação bem como credenciais; os relatórios abertos podem incluir históricos de revisão com carimbo de data / hora, consistindo em relatórios de pareceristas e contestações do autor ou uma carta do editor integrando os comentários dos revisores. Quando e onde os relatórios abertos podem ser acessados também são fatores importantes que indicam o nível de transparência do OPR. Finalmente, os autores recomendam aos editores de periódicos OPR adicionar dados de métricas em seus relatórios anuais. Com certeza isso possibilita identificar a partir de quando se amplia o uso de *open peer review*, bem assim quais periódicos usam o sistema.

3 POR QUE ADOTAR A OPEN REVIEW?

A fim de verificar a satisfação dos acadêmicos no tocante ao sistema *peer review*, a iniciativa britânica *Sense About Science* (2009) empreendeu, a título internacional, um *survey* cujo aporte amostral congregou em torno de 40.000 pesquisadores. Ao final das interpelações foi possível deduzir que 84% dos depoentes atribuem o progresso da comunicação científica aos moldes arbitrados; noutro momento, 91% informam que a discussão ao longo da avaliação possibilitou o aprimoramento das últimas produções; quando intimados a reiterar o porquê de recorrerem a este mecanismo, a supremacia (79%) alega que o olhar dos especialistas seleciona os melhores manuscritos conforme originalidade, relevância e conteúdo ou suprime-os em casos de apropriação intelectual.

Reiterando os posicionamentos enunciados, Nassi-Calò (2015) em nota ao *blog Scielo* em Perspectiva, sustenta a tese de que a avaliação por pares é o crivo que desassocia a boa da má ciência, tal qual o ofício do ceifeiro ao segregar o joio do trigo. Adiante ela defende que a ausência de árbitros comprometeria a qualidade e a confiabilidade do capital científico (NASSI-CALÒ, 2019). A avaliação por pares perpetua-se ao longo de décadas tal qual um dogma

endossado pela sociedade científica em função de suas prerrogativas, tendo em vista a vasta convalidação de manuscritos prestigiando os veículos que amplamente os disseminam.

Embora haja predileção, autores do campo da comunicação científica fazem coro alegando que os comentários hostis direcionados aos modelos ora estabelecidos apresentam indícios de que sua performance é problemática e conseqüentemente não atinge elevados níveis de confiabilidade (ROSS-HELLAUER, 2017; FORD, 2015). Dentre os artigos selecionados pela WoS vale repetir a proposição de Knochelman (2019) sobre práticas abertas de investigação científica e sua disponibilização à sociedade, enquanto Silva (2019) relata que a OPR é questionada, mas elimina vieses sobre represálias e críticas profissionais aos concorrentes.

Sobre isso os estudos empreendidos por Walker e Silva (2015), Ross-Hellauer (2017) e Spinak (2018) sumarizam as seguintes desvantagens sobre a *blind review*: a) procrastinação e retardo de pareceres; b) vieses sociais e políticos contra autores; c) aversão a pesquisas de cunho opinioso; d) incapacidade de detectar manipulações de dados ou equívocos metodológicos e caligráficos; e) revisões inconsistentes e contraditórias; f) defraudação e revogação intelectual de outrem; g) desprestígio e desestímulo dos árbitros; h) censura dos relatórios de avaliação.

Hatherill (2020) reporta-se aos periódicos predatórios que discutem várias formas de avaliação e a forma de lidar com a pesquisa que aparece nesses veículos. É problemático e há risco de perda porque, ao não ser indexados tornam-se menos visíveis, detectáveis e citáveis e a ciência perdida é valiosa, sendo incorreto ignorar sua existência. Deve-se atentar para a revisão por pares aberta para servidores de pré-impressão e seu potencial de recuperar e reintegrar esses artigos em registros acadêmicos.

Situação digna de menção é a do Medical Teacher, os autores identificam 3 tipos de revisores: os encorajadores / incentivadores na minoria dos pareceres; os outros tipos os indiferentes e os ressentidos, para os quais indicam adotar a crítica construtiva, reduzindo o orgulho e preconceito, substantivos que intitulam o artigo (LE SUEUR *et al.*, 2020).

Compreender a avaliação a partir de sua multimodalidade, em conformidade com a iniciativa de tornar públicos os nomes dos autores e avaliadores em simultaneidade resulta noutras considerações. Ou, adotar as ideias do educador, cientista, escritor checo e bispo protestante, Jan Amos Komensky (1592-1670) que desde os tempos iniciais da *Royal Society* exorta e desafia seus membros a publicar as afirmações de verdade de forma aberta à crítica, à reprodução e à verificação por qualquer leitor. Baseia-se nos sermões religiosos usados em pregações pedagógicas como precedente admirável para encorajar os que governam a sociedade e estimular as consciências dos homens a agir igual aos Apóstolos sem temer submeter suas doutrinas ao julgamento do mundo (KOMENSKY [1668] 1938, p. 22-23 *apud* RANALLI, 2011, p.13).

Henry Oldenburg, editor do *Philosophical Transactions*, também se posiciona a favor da continuidade da avaliação aberta, com aprovação constante na publicação, na divulgação e na inclusão do subtítulo em que explicita (dando alguns resultados dos atuais empreendimentos, estudos e trabalho dos engenhosos em muitas partes consideráveis do mundo). Para ele, os aspectos da avaliação por sistemas sigilosos ou secretos devem ser esclarecidos e desvendados com divulgação e cobertura amplas. Considera a possibilidade de divulgação a maior número de leitores com intervalos de tempo menores, adequada a períodos específicos e quantidade de pessoas tomando conhecimento ao mesmo tempo do que continham (MEADOWS, 1999, p. 6-7).

Nos tempos de Oldenburg compreende-se a impossibilidade e manutenção da avaliação aberta como sistema, especialmente por conta do aumento de títulos de periódicos e da inexistência de tecnologia para agilizar o envio e recebimento dos textos.

Nos tempos hodiernos tudo é diverso, portanto, tais argumentos perdem o valor. O *Open Journal Systems* (OJS) criado por John Willinsky na Universidade de *Stanford* socorre a comunicação científica com programáticas ampliações que gerenciam e permitem a publicação de revistas eletrônicas. Destaque para as funcionalidades: a) os editores configuram requisitos, seções, processos de revisão etc. b) a submissão realiza-se *online*; c) há um gestor do *site* da revista; d) notifica-se por e-mail as avaliações aos autores; e) outras

facilidades eletrônicas são adotadas.

Confirma-se que a criação do OJS, em fins do século XX, atende as possibilidades da avaliação aberta da ciência e do registro de experiências nesse formato. Gerencia de periódicos integrais revisados por pares, bases de dados, referências, resumos e estatísticas; bases de teses e dissertações; obras de referência como dicionários especializados, acervos de bibliotecas, compêndios, bancos de dados e ferramentas de análise (WILLINSKY, 2005).

As versões 3.3 *Open Journal Systems*, *Open Monograph Press* (OMP) e *Open Preprint Systems* (OPS), ano 2021, oferecem um processo editorial mais intuitivo e dinâmico. Dentre as mudanças do OJS / OMP / OPS 3.3 incluem-se melhor usabilidade e acessibilidade; alterações no painel e nos menus de navegação; melhorias na gestão de submissões; mudanças na terminologia do tipo de revisão; aprimoramentos na gestão e comunicação de utilizadores; novos recursos para revistas multilíngues e mais direcionamento para a *open peer review*.

Pode-se, portanto, adotar *blind review*, *double blind review* e *open peer review* tendo avaliadores sugeridos por autores ou permanecendo o editor como mediador para qualquer situação. Ao conhecimento tecnológico cabe a tempestividade, quantidade, qualidade e disseminação do periódico.

Concordando sobre muitos textos acadêmicos que estão disponíveis eletronicamente, parece natural incorporar as funções sociais da publicação acadêmica aos desenvolvimentos promissores. Segundo Skains (2020) surgiram ferramentas que permitem aos leitores anotar em textos *online* da forma como se faz no impresso usando a margem do papel, com possibilidades de discurso bidirecional, arquivamento digital e/ou de ocultação das anotações. O autor revisa as práticas contemporâneas de anotações focando-as como discurso acadêmico e revisão por pares. Inclui a revisão por pares aberta da *Nature*, *Wellcome Open Research*, sistemas *PLoS ONE* e *ePubPeer* como sua própria experiência. O *Journal of Media Practice* examina o sucesso das iniciativas, e de atitudes em relação à revisão por pares aberta e conclui com ideias promissoras para o futuro da publicação acadêmica.

Klebel e demais colaboradores (2020), dentre os quais Ross-Helauer

(2020), afirmam que a revisão e as políticas de publicação na maioria dos periódicos não são claras, o que dificulta aos pesquisadores escolher a revista apropriada para divulgação dos resultados de seus trabalhos. Klebel *et al.* (2020) buscaram em 171 periódicos acadêmicos, clareza nas políticas sobre revisão por pares e pré-impressão, resultando que as informações sobre as práticas de revisão por pares abertas são escassas, com menos de 20% referindo indicações claras. Há implicações tanto para os pesquisadores em início de carreira quanto para a disseminação de práticas abertas da pesquisa.

4 OPEN REVIEW PARA QUEM?

Dentre os 130 artigos recuperados pela WoS o que mais chama atenção é a quantidade de autores focalizando a OPR ou sendo avaliados no formato *open review*. Dentre os quais 34,6%, ou seja, 45 títulos referenciam os três primeiros autores sem indicar quantos outros mais constituem a autoria. Há artigos escritos com autoria única, em menor quantidade, exemplificando, nos 40 artigos de 2020 há somente cinco com autoria única e 25 constando dupla autoria. Na totalidade da pesquisa há uma dispersão que perpassa nove e 10, com variação de 53, 32, 20 autores por texto. Não mais aparece em 2020 autoria dentre o *et al.*, expressando que todos os autores estão nomeados. Nassi-Calò (2018) refere a atribuição de autoria como recompensa, comprometimento e relevância ao processo de avaliação recomendando aos editores livrar-se de ambiguidades, além de oferecer condições de lidar com diferenças culturais e disciplinares na comunicação científica. Indicativo de que mais pessoas se envolvem com a avaliação aberta, de aceitação pela OPR sem receios.

Os autores provêm de Austrália, Alemanha, Bélgica, Brasil, Canadá, China, Croácia, Dinamarca, Estados Unidos, Espanha, Estônia, França, Finlândia, Grécia, Holanda, Hungria, Inglaterra, Índia, Irlanda, Israel, Itália, Malásia, Portugal, Rússia e Suíça. Praticamente a *open review* está sendo discutida de forma generalizada em todos os continentes.

Com relação às áreas do conhecimento, vislumbra-se que a *open review* apresentando 35 artigos da Ciência da Informação; 18 artigos da Biomedicina; 16 nas diversas especificidades da Medicina; 14 na Educação; 12 da Ciência da

Computação; 11 nas Ciências Sociais; nove na Ciência & Tecnologia; quatro artigos para Engenharia e Economia; dois em Comunicação e em Ecologia; finalizando com um artigo para cada uma das sete áreas seguintes: Psicologia, Odontologia, Artes, Neurociências, Oncologia, Química, e Geologia. A maioria na Ciência da Informação encontra justificativa por ser campo que originariamente promove aspectos da comunicação científica. Atenção especial aos artigos da Biomedicina cujos resultados constam tanto os nomes dos avaliadores e os textos avaliativos em franca concordância com a tipologia OPR. Predomina a língua inglesa por ser considerada a da ciência, encontrando-se em 123 artigos, mais três em espanhol, dois em russo, um em alemão e mais um em italiano.

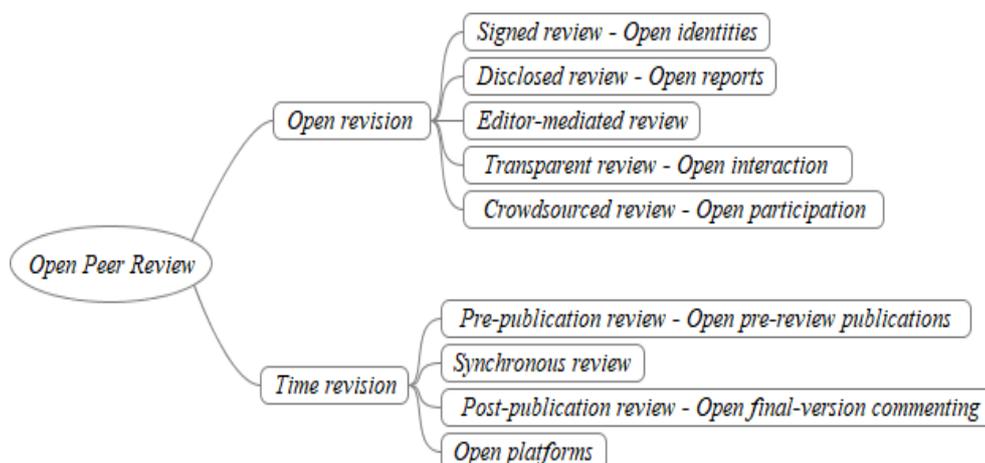
Ross-Hellauer, Deppe e Schmidt (2017) em pesquisa com editores, autores e revisores em um total de 3.062 respostas, informam que a maioria 60,3% dos entrevistados concordam que a *open peer review* deveria ser a constância por incluir *open access* e *open data*. Por outro lado, 76,2 % com experiência de 3 a 4 relatórios como autor, revisor ou editor são contrários a revelar a identidade dos revisores para os autores por acreditar que isto diminui a qualidade da revisão. Pelo aumento da OPR no ano de 2020, é de supor que o predomínio pode ser tendência a se elevar e manter.

Sobre o contexto científico e editorial regido por arbitragens convencionais, predominantemente - *single* e *double blind* – são classificadas por Schmidt *et al.* (2018), Ross-Hellauer e Görögh (2019) como seletivas (árbitros selecionados pelos editores), anônimas (ocultação de identidades) e confidenciais (avaliações censuradas). O sinônimo de fidedignidade foi outorgado ao obscurantismo imposto às etapas do protocolo editorial, haja vista que este aspecto é ainda, compreendido pelos cientistas como recurso inibidor de conflitos pessoais e de interesses refletidos no *know-how* científico.

Emily Ford (2013), bibliotecária, renomada revisora e pesquisadora afiliada à Universidade de Portland, nos Estados Unidos, analisa repertório documental composto por 35 manuscritos relativos à OPR. Compreende que este modelo de avaliação se fundamenta sobre características, sendo que as cinco primeiras contextualizam a abertura da revisão por pares, e as demais

indicam o tempo de avaliação: 1) revisão assinada; 2) revisão tornada pública; 3) avaliação mediada pelo editor; 4) avaliação transparente; 5) avaliação ampliada por grupo de juízes; 6) avaliação pré-publicação; 7) avaliação síncrona; 8) avaliação pós-publicação; 9) em plataformas abertas.

Figura 1 – Aspectos da OPR



Fonte: Adaptado de Ford (2013), Ross-Hellauer (2017) e Spinak (2018).

Em outras circunstâncias, Ross-Hellauer (2020, 2017) ao analisar 122 definições relativas à OPR, conclui que o conceito de abertura é um guarda-chuva, sinalizado por sete iniciativas ou facetas inerentes à multiplicidade de procedimentos que consolidam a transparência ao modo de se avaliar: 1) identidades abertas; 2) relatórios abertos; 3) interação aberta; 4) participação aberta; 5) manuscritos pré-revisados; 6) comentários abertos pós-publicados; 7) plataformas abertas, conforme visualizado na **Figura 1**. Em se tratando das dinâmicas de avaliação Spinak (2018) assevera que os pilares podem ser combinados de diferentes formas. Em complemento à fala do autor, Ford (2013) afirma que os veículos de comunicação podem ostentar mais de um eixo.

Percebe-se, portanto, existir sintonia entre o que os pensadores definem como critérios principais para a avaliação aberta. Ao propor dez considerações para a *open review* Schmidt *et al.* (2018) aceitam os relatórios dos árbitros como recurso didático, capacitando pesquisadores em início de carreira ao domínio da escrita e compreensão dos meandros da avaliação científica. Sob a ótica da *blind review*, o ofício dos *referees* é intenso, exaustivo, altruístico, carecendo ser reconhecido. A exposição dos árbitros com a finalidade de lhes outorgar o mérito

por sua cooperação é veementemente discutida à luz da filosofia da Ciência Aberta, a qual prima pela inclusão, socialização de saberes - empíricos ou de natureza científica - mediados pelo diálogo tornando-os literalmente acessíveis e executáveis. Razão para Schmidt *et al.* (2018) considerarem a avaliação aberta como um processo de construção colaborativa, objetivando a validação de *papers* eximindo autores e revisores de concepções partidárias.

Em resposta às inquietações desta inspeção, convém ressaltar que avaliação aberta, tanto quanto a tradicional, dispõe de benefícios e desafios, e a partir destes indicadores é possível delinear seu público, ou a quem se dedica a OPR. As benesses da OPR abrangem autores, avaliadores, canais de comunicação e comunidade que usam seus conteúdos. No que se refere aos autores, a literatura é praticamente unânime, Moylan *et al.* (2014), Shanahan e Olsen (2014) e Amsen (2014) mencionam o reconhecimento dos avaliadores neste processo. Em relação a este atributo cabe um adendo: considerando a transparência como a qualidade mor da OPR, estima-se que a partir deste aspecto estabelecem-se os demais. Em se tratando da familiaridade entre autor e árbitro DeCoursey (2006), Amsen (2014), Cosgrove e Flintoft (2017) concordam que os *referees*, ao saberem que seus comentários irão a público, tendem a ser profícuos e diplomáticos. Ao contrário da configuração convencional, a OPR identifica vieses exercidos por árbitros em relação a resposta das avaliações (DECOURSEY, 2006; AMSEN, 2014; HORBACK; HALLFMAN, 2018), e tendem a reduzir o tempo entre submissão e publicação (FORD, 2013; HORBACK; HALLFMAN, 2018).

Ainda segundo DeCoursey (2006) a OPR oferece aos avaliadores oportunidades de demonstrar sua experiência como revisor responsabilizando-os pelo conteúdo publicado. O autor complementa sua fala mencionando que quando a má ciência vem a conhecimento da sociedade a negligência dos revisores é tão grave quanto a dos autores.

Ainda que redundante, a OPR possibilita credenciar os avaliadores pela emissão e pelo padrão de *feedbacks*. Sobre esta perspectiva Edmunds (2013), Shanahan e Olsen (2014) citam a oportunidade de os revisores receberem o prestígio pelos esforços atribuídos ao processo de avaliação, incluindo-os em

seus respectivos perfis no *Publons*. Neste sentido, têm-se a proposta conjunta entre o identificador *Orcid* e o consórcio CASRAI para estabelecer um padrão de reconhecimento pelo trabalho dos revisores, através de um registro que possibilita sua recuperação e mediação (SPINAK, 2014). Outro mecanismo adotado pelo periódico *Giga Science* e pelas iniciativas subordinadas à *Biomedical Central* (BMC) concedem menções honrosas aos avaliadores no final dos artigos como formas de agradecimento pela análise e sugestão aos manuscritos. Em prol dos leitores a OPR possibilita o aprimoramento textual, garante usufruto de produções de impacto e reuso (FORD, 2013; SHANAHAN; OLSEN, 2014; SCHMIDT *et al.*, 2018).

A revisão aberta conduz a um novo *modus operandi* e visa o reconhecimento, a inclusão social e acadêmica, a divulgação e responsabilidade social. Edmunds (2013) em acordo com Moylan *et al.* (2014) e Schmidt *et al.* (2018) reafirmam que a intervenção da transparência aos padrões arbitrários revela o cruzamento de diálogos críticos entre os partícipes do enredo que redundam em produto de qualidade, minimizando possíveis vieses e abordagens controversas. Em se tratando dos periódicos científicos, Schmidt *et al.* (2018) afirmam que a *open peer review* possibilita mensurar a idoneidade dos avaliadores e canais de comunicação aos quais se associam. O encobrimento de arbitrariedades enseja índice de publicações cujo recorte temporal entre o envio e a comunicação beiram o descaso. Ao que lhe concerne, Ford (2013) assevera a capacidade de os periódicos de acesso aberto em atrair alto índice de usuários, conferindo crédito pela habilidade e rapidez dos avaliadores em seus pareceres.

Nos dias atuais, Instituições de Ensino Superior (IES), órgãos e iniciativas de fomento à pesquisa por meio de eventos científicos e canais de comunicação coletiva, convidam a sociedade a refletir e debater a multiplicidade de ações que fundamentam o arcabouço da ciência aberta, mencionados aqui somente recursos relativos à OPR. A título de exemplo, no Brasil, na Ciência da Informação destaca-se o sétimo eixo temático do ENANCIB - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação, que em 2017 e 2018 publicou resultados sobre inovação de processos avaliativos. A priori,

especifica-se três comunicações ao repertório literário da CI: O uso e tecnologias interativas na avaliação e na comunicação científica (SANTOS; SANTOS, 2017); Inovação na avaliação por pares; o papel do *software* (KERN, 2017) e a *open peer review* sob a ótica de editores das revistas brasileiras da ciência da informação (GARCIA; TARGINO, 2017), submetidas à XVIII edição do ENANCIB sediada pela Universidade Estadual de São Paulo, campus Marília. *A posteriori*, ressaltam-se considerações de Garcia e Targino (2018) apresentando dados sobre o porvir do *open review* na perspectiva dos *referees*.

Escritos de Gonzalo Rubén Alvarez e Sônia Elisa Caregnato (2018) sobre “*Open pre-review: avaliação de preprints em repositórios*”, apresentam revisão a respeito da cultura dos *preprints*, descrevendo procedimentos e etapas inerentes ao fluxo de avaliação coletiva (que antecede à análise oficial) mediante o envio do texto à repositórios temáticos. Alertam os autores, que alguns periódicos da Física indicam aos desejosos de publicar suas pesquisas que as submetam a servidores *preprints* e informem à revista o número da submissão, tornando o processo rápido, colaborativo, responsável e cidadão.

Elizabeth Allen (2018), em artigo intitulado “Sobre revisão por pares aberta vista sob as lentes das plataformas abertas de publicação da F1000 *research*”, discute a multimodalidade da OPR, ilustrando a dinâmica dos *postprints* empregada pelo periódico britânico. Respondendo o para quem a ciência aberta, Galimberti, (2020) acredita que em ambiente aberto, a ideia de revisão cega (simples ou dupla) por pares, também deve mudar radicalmente. Em especial para quem não receia avaliações de companheiros cientistas, mas ao contrário as usa para ampliar conhecimento e praticar a colaboração.

5 CONCLUSÃO

Verifica-se que as discussões teóricas sobre OPR, relacionadas às questões levantadas inicialmente, em relação ao *peer review*, impedem o desencadeamento de novas expectativas sobre a abordagem. Busca-se, portanto, explorar tendências e aquiescência das aplicações práticas do processo de avaliação aberta.

A área médica identifica-se como pioneira na utilização da avaliação

aberta. Primeiramente no exercício profissional, em que alguns médicos convocam pares com mais estudos específicos para contribuir na conclusão de determinados diagnósticos. Assiste-se à integração mundial com discussões, conferências, participações abertas, por diversos e variados meios de comunicação, compartilhamento de orientações e protocolos de segurança sanitária, intermediação por pronunciamentos da Organização Mundial de Saúde (OMS), a serem seguidos durante a pandemia do Covid-19. Tudo com objetivo de reafirmar a conduta pioneira da saúde, na teoria e na prática.

A julgar pelas experiências alvissareiras da *WoS*, da *Nature*, e da área médica, responde-se ao quando, desejando e na expectativa de que seja *ad infinitum*. Em tempos de ciência aberta, acesso aberto, ciência cidadã garanta-se a existência da OPR até que outro sistema com maiores possibilidades o substitua, que pode ser uma proposta como a de Knochermann (2019) para que estudos de acesso aberto adotem os *preprints* e os integrem rotineiramente à pesquisa e à comunicação científica. É outra possibilidade de avaliação aberta por pares.

Tal modelo de revisão aberta apresenta-se como tendência que visa restabelecer o *ethos* científico em busca de soluções que minimizem as limitações sejam convencionais, sejam contraditórias. Assim percebemos o futuro da comunicação científica e as razões para adotá-lo. Também temos clareza de que provoca desafio aos editores que podem se sentir intimidados com a limitação nas tomadas de decisões como gestores do periódico ao tornar transparente o processo de selecionar e convidar avaliadores. Mas esta é uma questão ou problema a ser resolvido a longo prazo, quando houver convencimento do que é melhor e mais justo para a ciência. Seja um só sistema ou programa, seja mais de um em convivência harmônica buscando o melhor para áreas ou específicas situações.

O Programa SciELO e o *Public Knowledge Project* (PKP) realizaram acordo em termos de reconhecimento do valor de: (a) sistemas independentes de avaliação de manuscritos e serviços abertos relacionados à comunidade acadêmica em âmbito global; (b) fluxos de trabalho abrangentes para publicação científica que incluem opções para comentários em *preprints* e pós-publicação;

e (c) sistemas de *software* de código aberto acessíveis para a infraestrutura subjacente da comunicação científica.

Mais do que conclusões, há questionamentos em defesa da adoção pela abertura da avaliação. Será que ela minimiza a atuação dos editores e por via de consequência também seu poder e é esta a razão pela qual eles não a aceitam? Como atuar na ciência aberta sem adotar a avaliação aberta - pilar que garante sua existência? Percebe-se o sistema de *preprint* como possibilidade de solução, antecedendo a publicação no periódico? Admite-se que, em servidor público, o artigo receberá sugestões, comentários e / ou ampliações que podem melhorá-lo antes da impressão final e do envio ao periódico para confirmar sua cientificidade? Que atitudes tomarão os editores, concordarão em publicar com os autores escolhendo os *referees*? Em tempos de ciência aberta, os autores vão continuar defendendo a avaliação cega sem abrir espaço para adoção dos sistemas e plataformas abertos que incorporem artigos de dados, pareceres, códigos, artigos e *preprints*?

São questões desafiadoras que encaminham cenários futuros, condizentes com a *open science*, cuja avaliação deve ocorrer de forma aberta. Afora isto, os passos estão dados à espera da prática, da disseminação e da aplicação futura, sobretudo acreditando que: o caminho se faz ao caminhar.

REFERÊNCIAS

ALLEN, L. Open peer review (through the lens of F1000's open research publishing platforms). *In: REUNIÃO DA REDE SCIELO*, 20., 2018. São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Scielo, 2018. p. 1-8. Disponível em:

<https://repository.scielo20.org/index.php/documents/article/view/115>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ALVAREZ, G. R.; CAREGNATO, S. E. Open pre-review: avaliação de preprints em repositórios. *In: REUNIÃO DA REDE SCIELO*, 20., 2018. São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Scielo, 2018. p. 1-7. Disponível em:

<https://repository.scielo20.org/index.php/documents/article/view/103/73>. Acesso em: 11 jul. 2020.

AMSEN, E. What is open peer review?. **F1000 Research Blog**, Rockville, May 2014. Disponível em: <https://blog.f1000.com/2014/05/21/what-is-open-peer-review/>. Acesso em: 09 ago. 2020.

BORNSTEIN, R. Costs and benefits of reviewer anonymity: a survey of journal editors and manuscript reviewers. **Journal of Social Behavior and Personality**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 355-370, 1993. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1994-11327-001>. Acesso em: 10 set. 2020.

COSGROVE, A.; FLINTOFT, L. Trialing transparent peer review. **Genomy Biology**, [S. l.], v. 18, n. 173, p. 1-2, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13059-017-1314-z>. Acesso em: 09 set. 2020.

DE COURSEY, T. Perspective: the pros and cons of open peer review. **Nature International Weekly Journal of Science**, [S. l.], Jun. 2006. Disponível em: http://blogs.nature.com/peer-to-peer/2006/06/perspective_the_pros_and_cons.html. Acesso em: 02 set. 2021.

EDMUNDS, S. Peering into peer-review at GigaScience. **Giga Science**, London, v. 2, n. 1, p. 1-3, Sept. 2013. Disponível em: <https://genomebiology.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13059-017-1314-z>. Acesso em: 01 jul. 2021.

FORD, E. Defining and characterizing open peer review: a review of the Literature. **Journal of Scholarly Publishing**, Toronto, v. 44, n. 4, p. 311-326, Jul. 2013. Disponível em: https://pdxscholar.library.pdx.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1000&context=ulib_fac. Acesso em: 10 ago. 2021.

FORD, E. Open peer review at four stem journals: an observational overview. **F1000 Research**, Rockville, v. 4, n. 6, p. 1-15, Aug. 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4350441/>. Acesso em: 09 ago. 2021.

GALIMBERTI, P. Open Science and Evaluation. **Scientific Research and Information Technology**, Salento, v. 1, p. 65-70, 2020. Disponível em: <http://www.sciresit.it/article/view/13341/11902>. Acesso em: 15 jun. 2021.

GARCIA, J. C. R.; TARGINO, M. G. Open peer review sob a ótica de editores das revistas brasileiras da ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2017. p. 1-21.

GARCIA, J. C. R.; TARGINO, M. G. O futuro da open peer review na ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2018. p. 4495-4513.

HATHERILL, J. 'At-risk articles': the imperative to recover lost science. **Insights**, Ottawa, v. 33, n. 19, p. 1-9, Jun. 2020. Disponível em: <https://insights.uksg.org/articles/10.1629/uksg.514/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

HORBACH, S.; HALLFMAN, W. The changing forms and expectations of peer review. **Research Integrity and Peer Review**, [S. l.], v. 3, n. 8, p. 1-15, Sept. 2018. Disponível em:
<https://researchintegrityjournal.biomedcentral.com/articles/10.1186/s41073-018-0051-5>. Acesso em: 01 jun. 2021.

KERN, V. Inovações na revisão por pares: o papel do software. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2017. p. 1-18. Disponível em:
http://eprints.rclis.org/32120/1/VMKern_InovRevPares_Enancib2017_Final.pdf. Acesso em: 10 ago. 2021.

KLEBEL, T. *et al.* Peer review and preprint policies are unclear at most major journals. **Plos One**, San Francisco, v. 21, p. 1-19, Oct. 2020. Disponível em:
<https://journals.plos.org/plosone/article/comments?id=10.1371/journal.pone.0239518>. Acesso em: 03 jul. 2021.

KNOCHELMANN, M. Open science in the humanities, or: open humanities?. **Publications**, London, v. 7, n. 4, p. 1-17, Nov. 2019. Disponível em:
<https://www.mdpi.com/2304-6775/7/4/65/htm>. Acesso em: 02 jun. 2021.

KOHLER, D.; GOECKENJAN, G.; RUNZ, J. Evolutionary quality assurance: a new concept to improve quality of processing and results. **Medizinische Klinik**, Heidelberg, v. 93, v. 3, p. 43-48, Mar. 1998. Disponível em:
<https://doi.org/10.1007/bf03044839>. Acesso em: 25 jun. 2021.

LE SUEUR, H. *et al.* Pride and prejudice: what can we learn from peer review. **Medical Teacher**, Rockville, v. 42, n. 9, p. 1012-1018, 2020. Disponível em:
https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7497287/pdf/IMTE_42_1774527.pdf. Acesso em: 10 maio. 2021.

MCGIFFERT, M. Is justice blind? An inquiry into peer review. **Scholarly Publishing**, Columbia, v. 20, n. 1, p. 43-48, 1988.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Brique de Lemos, 1999.

MOYLAN, E. C.; HAROLD, S.; O'NEILL, C.; KOWALCZUK, M. Open, single-blind, double-blind: which peer review process do you prefer? **BMC Pharmacol Toxicol**, London, v. 15, n. 55, p. 1-5, Sept. 2014. Disponível em:
<https://bmcpharmacoltoxicol.biomedcentral.com/articles/10.1186/2050-6511-15-55>. Acesso em: 10 jun. 2021.

NASSI-CALÒ, L. Avaliação por pares: ruim com ela, pior sem ela. **SciELO em perspectiva**, São Paulo, abr. 2015. Disponível em:
<https://blog.scielo.org/blog/2015/04/17/avaliacao-por-pares-ruim-com-ela-pior-sem-ela/#.XzROxyhKhPY>. Acesso em: 07 set. 2021.

NASSI-CALÒ, L. Critérios de autoria preservam a integridade na comunicação científica. **SciELO em Perspectiva**, mar. 2018. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2018/03/14/criterios-de-autoria-preservam-a-integridade-na-comunicacao-cientifica/#.XzRPFShKhPY>. Acesso em: 03 ago. 2021.

NASSI-CALÒ, L. Potenciais vantagens e desvantagens nas publicações de pareceres. **SciELO em Perspectiva**, abr. 2019. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2019/04/30/potenciais-vantagens-e-desvantagens-na-publicacao-de-pareceres/#.XzRP2yhKhPY>. Acesso em: 01 jun. 2021.

RANALLI, B. T. A Prehistory of Peer Review: Religious Blueprints from the Hartlib Circle. **Spontaneous Generations: A Journal for the History and Philosophy of Science, Ontário**, v. 5, n. 1, p. 12-18, 2011. Disponível em: <https://spontaneousgenerations.library.utoronto.ca/index.php/SpontaneousGenerations/article/view/14973>. Acesso em: 21 jun. 2021.

ROSS-HELLAUER, T. What is open peer review? A systematic review. **F1000 Research**, Rockville, v. 6, n. 588, p. 1-38, Aug. 2017. Disponível em: <https://f1000research.com/articles/6-588/v2>. Acesso em: 04 jul. 2021.

ROSS-HELLAUER, T. **Open peer review**: This course will introduce you to Open Peer Reviewing and let you know how you can get started with it. 2020. Disponível em: <https://www.fosteropenscience.eu/learning/open-peer-review/#/id/5a17e150c2af651d1e3b1bce>. Acesso em: 02 abr. 2021.

ROSS-HELLAUER, T.; DEPPE, A.; SCHMIDT, B. Survey on open peer review: attitudes and experience amongst editors, authors and reviewers. **Plos One**, San Francisco, v. 12, n. 12, p. 1-28, Dec. 2017. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0189311>. Acesso em: 06 mar. 2021.

ROSS-HELLAUER, T.; GÖRÖGH, E. Guidelines for open peer review implementation. **BMC**, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 1-12, Feb. 2019. Disponível em: <https://researchintegrityjournal.biomedcentral.com/articles/10.1186/s41073-019-0063-9>. Acesso em: 11 ago. 2021.

SACCO, D. F. *et al.* Skin in the Game: Personal Accountability and Journal Peer Review. **Journal Of Empirical Research on Human Research Ethics**, [S. l.], v. 15, n. 4, p. 330-338, Oct. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32425095/>. Acesso em: 06 maio. 2021.

SANTOS, A.; SANTOS, N. Uso de tecnologias interativas na avaliação e comunicação científica. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2017. p. 1-18. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/view/611. Acesso em: 05 maio 2021.

SCHMIDT, B.; ROSS-HELLAUER, T.; VAN EDIG, X.; MOYLAN, E. C. Ten considerations for open peer review. **F1000 Research**, Rockville, v. 7, n. 769, p. 1-11, Jun. 2018. Disponível em: <https://f1000research.com/articles/7-969/v1>. Acesso em: 03 maio. 2021.

SENSE ABOUT SCIENCE. Peer review survey. 2009. Disponível em: <https://senseaboutscience.org/activities/peer-review-survey-2009/>. Acesso em: 02 abr. 2021.

SHANAHAN, D.; OLSEN, B. Opening peer review: the democracy science. **Journal of Negative Results in Biomedicine**, Rockville, v. 13, n. 2, p. 1-2, Jan. 2014. Disponível em: <https://jnrbm.biomedcentral.com/articles/10.1186/1477-5751-13-2>. Acesso em: 01 abr. 2021.

SILVA, J. T. Challenges to open peer review. **Online information review**, [S. l.], v. 43, n. 2, p. 197-200, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/OIR-04-2018-0139>. Acesso em: 07 ago. 2021.

SILVA, F. M. A; GARCIA, J.C.R; ARAÚJO, W. J. Open Science na Ciência da Informação pela Web of Science: 1993-2018. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2019. 1-19.

SKAINS, R. L. Discourse or gimmick? Digital marginalia in online scholarship. **Convergence-The International Journal of Research Into New Media Technologies**, London, p. 1-14, Feb. 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1354856519831988?journalCode=con>. Acesso em: 01 ago. 2021.

SPINAK, E. Cienciometria de avaliadores: serão finalmente reconhecidos. **SciELO em Perspectiva**, São Paulo, maio 2014. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2014/05/14/cienciometria-de-avaliadores-serao-finalmente-reconhecidos/#.XzRXfyhKhPY>. Acesso em: 01 mar. 2021.

SPINAK, E. Sobre as vinte e duas definições de revisão por pares aberta... e mais. **SciELO em Perspectiva**, São Paulo, fev. 2018. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2018/02/28/sobre-as-vinte-e-duas-definicoes-de-revisao-por-pares-aberta-e-mais/#.XzRYkChKhPY>. Acesso em: 16 ago. 2021.

TARGINO, M. G.; GARCIA, J. C. R.; SILVA, K. L. N. Avaliadores da área de ciência da informação frente à open peer review. **Revista Interamericana de Bibliotecologia**, Medellín, v. 43, n. 1, p. 1-13, ene. 2020.

TENNANT, J.; ROSS-HALLAUER, T. The limitations to our understanding of peer review. **Research Integrity and Peer Review**, Rockville, v. 5, n. 6, p. 2-14, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32368354/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

WALKER, R.; SILVA, P. R. Emerging trends in peer review: a survey. **Frontiers in Neuroscience**, Lausanne, v. 9, p. 1-18, May 2015. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fnins.2015.00169/full>. Acesso em: 21 ago. 2021.

WILLINSKY, J. Open Journal Systems: an example of open source software for journal management and publishing, **Library Hi Tech**, Columbia, v. 23, n. 4, p. 504-519, 2005. Disponível em: https://pkp.sfu.ca/files/Library_Hi_Tech_DRAFT.pdf. Acesso em: 26 jul. 2021.

WOLFRAM, D.; WANG, P.; HEMBREE, A.; PARK, H. Open peer review: promoting transparency in open science. **Scientometrics**, [S. l.], v. 125, p. 1033-1051, May 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11192-020-03488-4>. Acesso em: 30 jun. 2021.

OPEN REVIEW: WHEN, WHY AND FOR WHOM?

ABSTRACT

Objective: This research aims at contributing for adoption on the open peer review, minimizing ideological obstacles over the dynamics that permeate the process, as an answer to the questions that originate and conduct this communication. **Methodology:** Aiming to attend the objective, it is searched in the literature and in the metrics of the scientific production recovered in the Web of Science (WoS), with emphasis on the authorship, approaches, date of publication and area of knowledge, used to synthesize and limit distinct aspects of the thematic. **Results:** There are 130 articles, published from 1993-2020, from different areas of knowledge, in which Information Science and medicine with their specialities present most of the articles. **Conclusions:** After answers to the question that originated the study, provocations over the destinies that the thematic OPR will follow in the open science and the challenges confronting the subjects who work in the area are made.

Descriptors: Open review. Scientific Communication. Open Science.

REVISIÓN ABIERTA: ¿CUÁNDO, POR QUÉ Y PARA QUIÉN?

RESUMEN

Objetivo: La investigación tiene como objetivo contribuir a la adopción de la revisión por pares abierta minimizando los obstáculos ideológicos sobre las dinámicas que permean el proceso, en respuesta a los problemas que originan e impulsan esta comunicación. **Metodología:** Para cumplir con el objetivo, se busca la literatura y métricas de producción científica recuperadas de la Web of Science (WoS), enfatizando la autoría, los enfoques, la fecha de publicación y el área de conocimiento utilizada para sustentar distintos aspectos de la asignatura. **Resultados:** Son 130 artículos, publicados entre

1993-2020, de diferentes áreas del conocimiento en los que la Ciencia de la Información y la Medicina, con sus especialidades, presentan la mayoría de los artículos.

Conclusiones: Luego de analizar las preguntas que originan el estudio, se hacen algunas provocaciones sobre los caminos que tomará la temática en la ciencia abierta y sobre los desafíos para quienes trabajan con la revisión abierta por pares.

Descriptor: Revisión abierta. Comunicación científica. Ciencia abierta.

Recebido em: 11.09.2021

Aceito em: 26.01.2023